

A CAPACIDADE DE AMAR DO SER HUMANO E SUA AÇÃO TERAPÊUTICA NO MÉTODO ADI/TIP, DESENVOLVIDO PELA DRA. RENATE JOST DE MORAES

Michael Leberle¹

RESUMO

A capacidade de amar é de importância fundamental para as pessoas, para sua saúde, para sua felicidade e para uma vida plena. Por isso é de grande valor descobrir, desenvolver e viver a capacidade de amar a si mesmo, a seu próximo e a Deus. Isso, diversos filósofos e teólogos já reconheceram. Renate Jost Moraes desenvolveu o método ADI/TIP, que ajuda as pessoas a reencontrar sua essência, sua personalidade original, sua saúde, seu equilíbrio e seu sentido de ser aberto para o amor. A descoberta da capacidade de amar no nível psicológico é muito libertadora. O sucesso no tratamento de muitos pacientes por meio da ADI/TIP realça esta constatação. Neste, o percurso rumo à solução é diferente para cada pessoa, dado que toda pessoa e toda situação é única. O reconhecimento do amor absoluto (Luz, Deus), a descoberta de ser infinitamente amado e o desenvolvimento da capacidade de amar a si, a seu próximo e a Deus é, contudo, de importância universal.

Palavras-chave: Amor. Inconsciente. Reestruturação humanística. Terapia de Integração Pessoal.

ABSTRACT

The capacity to love is of fundamental importance for people, for their health, for their happiness and for a fulfilling life. Thus, it's of great value to discover, develop and live the capacity to love yourself, your next and God. Many philosophers and theologians have recognized this. Renate Jost Moraes developed the ADI/TIP method, which helps people to rediscover its essence, its original personality, its health, its balance and its sense of being open for love. The discovery of the ability to love in a psychological level is very liberating. The success in treating many patients through ADI/TIP underlines this ascertainment. In this, the route toward solution is different for each person, because every person and every situation is unique. The recognition of absolute love (Light, God), the discovery of being infinitely loved and the development of the capacity to love yourself, your next and God is, however, of universal importance.

Keywords: Love. Unconscious. Humanistic Restructuring; Personal Integration Therapy.

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade atual é frequentemente denominada por sociólogos e outros cientistas da natureza e do espírito como 'sociedade enferma'. Erich Fromm (1900-1980), sociólogo com formação em psicanálise e pensamento filosófico, já descreve este fenômeno em seu livro "*Wege aus einer kranken Gesellschaft*"². Em uma análise psicológico-social, Fromm submete a sociedade de consumo ocidental a uma observação crítica e reconhece, na alienação das pessoas de si mesmas e seus produtos, as raízes para um adoecimento psicológico ainda pior. No entanto, caminhos também orientariam para a sua recuperação (FROMM, 2006, p. 2). Este artigo gostaria de ofertar uma contribuição ao assunto,

¹ Aluno do curso de Especialização da Fundação de Saúde Integral e Humanística no Curso de Pós-graduação Lato Sensu no Método Abordagem Direta do Inconsciente – ADI, realizado em parceria com a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: michael_leberle@yahoo.de

² Em alemão, o título do livro alude aos caminhos para se sair de uma 'sociedade enferma'.

exatamente neste sentido, para que as pessoas encontrem caminhos e meios para viverem plenas, felizes e saudáveis.

No final de um curso de psicologia, do qual participei no ano de 2012, nosso docente colocou a seguinte pergunta: “Depois que conhecemos agora essas tantas técnicas psicológicas diferentes, o que cura finalmente as pessoas? ” Me senti inspirado e respondi prontamente: “O amor, é o amor que cura as pessoas”. Expliquei isto, ainda, nos seguintes moldes: “A realidade do amor pode ser encontrada em toda pessoa. Devido a diferentes experiências e condições, é possível que essa realidade do amor nas pessoas seja reduzida ou bloqueada”. É bom, então, se essa pessoa recebe ajuda e a aceita. Essa ajuda é o mais efetiva possível, se ela sucede com base no amor. Isso quer dizer, se o ajudante (por exemplo, o terapeuta) encara o próximo (paciente) com amor, franqueza, respeito e empatia.

A realidade do amor retornou novamente à consciência nas últimas décadas. Isto mostra Fromm, principalmente, com seu livro “A Arte de Amar”. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1956. Desde então, foi traduzido para mais de 50 idiomas. O interesse pela realidade do amor é comprovado pela venda dos quase 25 milhões de exemplares. Este livro surgiu mais como um acaso e ninguém podia contar com tamanho sucesso. A extensão do conceito de amor é descrita neste livro como a seguinte:

“Se amar significa ter uma atitude amorosa para com todos, se o amor é um traço do caráter, deve ele necessariamente existir nas relações que se tenham, não só com a própria família e amigos, mas também com aqueles com os quais se tem contato, através do trabalho, dos negócios, da profissão. Não há “divisão de trabalho” entre o amor pelos nossos e o amor pelos estranhos. Ao contrário: a condição para a existência do primeiro é a existência do último” (FROMM, 1985, p. 166).

Principalmente devido ao ‘princípio do amor’, o agir terapêutico de Fromm é denominado como ‘psicanálise humanista’.

Um outro método de psicoterapia que, de forma especial, se originou e age com base na realidade do amor, foi desenvolvido no Brasil por Renate Jost de Moraes: ADI/TIP – Abordagem Direta do Inconsciente / Terapia de Integração Pessoal. No mundo todo, mais de 120.000 pessoas foram tratadas com sucesso com este método. Este artigo gostaria de contribuir para que essa forma de psicoterapia seja aprofundada, especialmente sob o aspecto de uma capacidade fundamental das pessoas: a capacidade de amar. Para que isso ocorra da forma mais ampla e concisa, profere-se neste artigo, primeiramente, uma definição da realidade do amor e da capacidade de amar. Na segunda parte, Renate Jost Moraes será apresentada, com base em uma breve biografia. Além disso, o significado fundamental da capacidade de amar no método ADI/TIP será exposto. O psicólogo e escritor

Fjodar Dostojewski (1821 – 1881) cunhou, em relação a essa capacidade de amar, esta frase: “O maior inferno é a incapacidade de Amar”. Finalmente, apresentar-se-á neste artigo como a capacidade de amar se mostra e age no processo terapêutico da ADI/TIP.

Tendo em vista que este método é pouco conhecido nos países de língua alemã, este artigo também foi escrito no idioma alemão. Desta forma pode servir para todas as pessoas interessadas, na Alemanha, Áustria e Suíça, para conhecer melhor a ADI/TIP e a realidade do amor.

I DEFINIÇÃO TEOLÓGICO-FILOSÓFICA DA REALIDADE DO AMOR ESPECIALMENTE NO QUE DIZ RESPEITO À CAPACIDADE DE AMAR

A realidade do amor é para a humanidade, em todas as culturas, de grande interesse. Mas o que é o amor? Qual importância tem o amor para a humanidade? Até que ponto o homem é capaz de amar? Estas perguntas muitas pessoas já tentaram responder. Especialmente as ciências da filosofia e da teologia podem oferecer uma contribuição fundamental sobre o assunto. Sendo assim, este capítulo intenta destacar alguns pontos essenciais para dar à realidade do amor um fundamento o mais sólido possível.

Originado da língua grega, o conceito de amor pode ser atribuído a três significados originários: *Eros*, *Philia* e *Agape*. Sob a perspectiva da tricotomia da realidade de amar, na língua grega, é possível contemplar sua extensa e profunda importância:

Eros é o amor carnal. É a atração carnal, uma forma de conexão de energia entre duas pessoas. A filosofia na Grécia antiga descreve com a palavra ‘*Eros*’, a beleza, o carinho e a paixão do homem. Com o conceito ‘*Eros*’ está pensando, com isso, a conexão harmoniosa de amor emocional, espiritual e corporal. Além disso, o *Eros* dá às pessoas a energia para procurar pelo belo e pela verdade. O *Eros* obriga as pessoas não só a procurar a união com outra pessoa na forma sexual de amor, mas nos presenteia também com a necessidade de nos unir à verdade, a Deus (GRÜN/RIEDL, 1993, p. 14-15). Neste sentido, o “Cântico” do Velho Testamento descreve o amor e o erotismo, como por exemplo nos cânticos 3:1-5:

De noite, em meu leito, busquei aquele a quem ama a minha alma; busquei-o, porém não o achei. Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade; pelas ruas e pelas praças buscarei aquele a quem ama a minha alma. Busquei-o, porém não o achei. Encontraram-me os guardas que rondavam pela cidade; eu lhes perguntei: Vistes, porventura, aquele a quem ama a minha alma? Apenas me tinha apartado deles, quando achei aquele a quem ama a minha alma; detive-o, e não o deixei ir embora, até que o introduzi na casa de minha mãe, na câmara daquela que me concebeu:

Conjuro-vos, ó filhos de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que ele o queira.

Especialistas sobre a Bíblia concordam, amplamente, que esta “música de louvor ao amor” descreve não só o amor entre mulher e homem, mas também o amor entre Deus e as pessoas.

Philia é o amor espiritual. Ela é o amor entre duas pessoas que se sentem ligadas de uma forma especial. *Philia* tem significado especial para amizades e é também possível entre Deus e o homem. Ela pode ser expressa através de beijos e carícias. Na Bíblia há bons exemplos para isso, um deles está em Lucas 7:37-38:

E eis que uma mulher pecadora que havia na cidade, quando soube que ele (Jesus) estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo; e estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas e os enxugava com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés e ungiu-os com o bálsamo.

Na ‘história do filho perdido’ ou ‘do pai misericordioso’, há uma outra passagem impressionante sobre o assunto: “Levantou-se, pois, e foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou” (LUCAS 15,20).

Agape é o amor desinteressado, espiritual. Ela é a conexão psicológica entre duas pessoas, que é muito forte. *Agape* é também o amor de uma pessoa a todos os seus próximos, sem esperar algo deles. Ele é destacado especialmente no Cristianismo ou na teologia cristã. ‘*Agape*’ é a expressão grega para *Caritas*, para o amor ao próximo, mas também para o amor a Deus. Ela também é o amor puro de Deus. *Agape* é o amor sem condições e libertador. Ela encerra também o amor ao inimigo com um: “Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem (MATEUS 5:44).

No cântico do amor do Novo Testamento, a tricotomia “crença, esperança e amor” também aparece, o que em latim chama-se “*Fides, Spes e Caritas*”. O significado especial do amor também se mostra neste verso: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor” (CORÍNTIOS 13:13).

Ao lado desta tricotomia do conceito de amor, há três sentidos para o amor no que diz respeito à capacidade de amar:

1. Capacidade de amar a si mesmo:

Trata-se de distinguir entre o amor próprio e o egoísmo. O egoísmo busca pela realização de vantagens para a própria pessoa, sem considerar os próximos. O amor próprio,

no entanto, é um amor que é bom para si mesmo e ao mesmo tempo tem em vista o bem-estar dos próximos. A filósofa Edith Stein (1891 – 1942) conecta o significado do amor por si mesmo com o “conhecer a si mesmo” da seguinte forma: “o espírito se conhece e se ama inteiramente; o conhecimento ilumina a si mesmo e o amor, e com isso a alma que conhece ama; o amor compreende a si mesmo e o conhecimento, e com isso o espírito que ama e conhece” (STEIN, 1999, p. 462). O Doutor da Igreja e filósofo Agostinho (354 – 430) destaca que é necessário conhecer a si mesmo para ser imagem e semelhança de Deus. Quanto mais a pessoa se conhece em todo o seu ser, mais é a imagem e semelhança de Deus e mais ama a si. E ao amar a si mesmo, sente ainda mais o desejo de conhecer a si mesmo (SBERGA, 2014, p. 390).

2. Capacidade de amar ao próximo

O sociólogo e filósofo Zygmunt Baumann expressa claramente que são necessárias relações de companheirismo, nas quais as pessoas ajudam umas às outras. Isso permite surgir uma sociedade solidária, na qual as pessoas não se veem apenas como concorrentes. Não se trata de enxergarem-se como objeto de consumo, mas de compartilhar a vida. Até mesmo em um mundo do consumo é possível presentear ao outro com um sorriso, dividir com ele a vida e, se necessário, ajudar de forma concreta. A pessoa egoísta, porém, não é capaz de amar outras pessoas e, basicamente, também não está em condição de amar a si mesmo (BAUMANN, 2004, p. 65). Aqui pode ser reconhecida uma ligação do amor por si mesmo e do amor ao próximo. Isso já é expresso pelo mandamento cristão “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (MARCOS 13:31). Segundo Agostinho, a pessoa precisa do máximo de oportunidades possíveis de amar para realizar a si mesmo. No encontro com o outro, a pessoa encontra a oportunidade de realizar sua capacidade de amar, de se doar (AGOSTINHO, 2000). Para poder amar ao próximo é importante conhecê-lo. Como no amor a si mesmo, o amor cresce de pessoa para pessoa, na medida que aprende a conhecê-lo e valorizá-lo. No amor ao próximo a empatia também tem um papel importante. Não é por acaso que Edith Stein trabalhou este tema em sua tese (ALES BELLO, 2000, p. 160). Empatia é uma forma importante de expressão do amor, já que sem essa capacidade, ainda que haja boa intenção, há o risco de fazer ao outro algo que ele não quer ou não o faz bem.

A conexão entre conhecer e amar é expressa pelo médico e filósofo Philippus Paracelsus (1493 – 1541) como a seguinte: “Quem nada compreende, nada vale. Mas quem compreende também ama, observa, vê.... Quanto mais conhecimento houver inerente numa coisa, tanto maior o amor...” (FROMM, 1985, p. 17).

3. Capacidade de amar a Deus:

O filósofo Cláudio de Lima Vaz (1921 – 2002) apresenta a dialética da unidade estrutural do ser humano em suas dimensões corporal, psíquica e a dimensão noético-pneumática (espiritual). Segundo Vaz, é precisamente nesse nível espiritual que o ser do homem se abre necessariamente para a transcendência, configurando-se, assim, como “um ser estruturalmente aberto para o Outro”. (VAZ, 1991, p. 201) Para ele, reconhecer a dimensão espiritual do ser humano significa apreender o espírito como um sair de si mesmo e uma abertura para o mundo objetivo da natureza e para o mundo intersubjetivo da relação com outros seres humanos e com o próprio Absoluto. Como expressão ontológica primeira da pessoa humana, na sua indivisibilidade e no seu ser-em-si. (VAZ 1991, 1992). Como poderá o ser humano equilibrar sua unidade estrutural, sendo ele mesmo, nessa necessidade de abrir-se ao outro? Segundo Lima Vaz, a dimensão da auto-realização do ser humano revela exatamente a eficácia existencial do absurdo segundo o qual o ser humano se torna ele mesmo na sua abertura constitutiva ao outro. No entanto, é no nível estrutural do espírito que esta tarefa alcança as camadas mais profundas do nosso ser na largura do sentido da própria existência, Vaz entende que:

Com efeito, se admitirmos (...) que o ser-para do homem encontra o seu ápice e define-se da maneira mais abrangente e mais profunda como ser-para-a-Verdade, ser-para-o-Bem e ser-para-o-Absoluto, podemos entender que será no nível do espírito que o movimento de auto-realização – de unificação – do homem se submeterá à medida da Verdade, à norma do Bem e à exigência do Absoluto: ele será, então, um movimento que irá avançar sujeito ao risco propriamente ontológico de ser ou não-ser na ordem do sentido. (VAZ, 1992, p. 147).

O ser humano é reconhecido por Vaz como um ser aberto para o horizonte infinito e universal do ser. Por isso, o homem se constitui como um ser livre e inteligente que não esgota todo o ser no horizonte do mundo e da história. Neste sentido, o homem é um ser-para-o-Absoluto. Assim, a capacidade de relação com a absolutidade, que em muitas culturas é denominada Deus, é uma característica essencial do ser humano. Já que uma relação com Deus é possível, também é possível que as pessoas amem a Deus. Que amor a Deus é muito importante para a humanidade, é mostrado na Bíblia. Lá são mencionados, entre outros, os mandamentos essenciais que querem ajudar as pessoas a viver suas vidas em plenitude. Assim fala Jesus sobre si mesmo: “ (...) eu vim para que tenham (os homens) vida e a tenham em abundância (João 10:10) ”. Ante a pergunta de um escrevente, sobre qual seria o mandamento mais importante, seguiu a resposta: “Respondeu Jesus: O primeiro é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças (MARCOS 12:29-30)”.

Para o filósofo Max Scheler (1874 – 1928) o amor é uma capacidade característica e exclusiva do homem. Para ele, o amor contém também uma dimensão espiritual:

“[...] O homem é algo mais que um simples fenômeno natural. É uma pessoa, e na medida em que é pessoa é teomórfico... A experiência religiosa culmina no amor. E o amor é mais que um sentimento, não tendo, por conseguinte, um valor por objeto, e sim, sempre uma pessoa. Deus é a Pessoa das pessoas e a fonte do Amor.” (XAUSA, 1986, p. 71)

Ao todo, pode-se dizer que as capacidades de amar a si mesmo, ao próximo e a Deus estão fortemente conectadas umas às outras. Isso expressam, especialmente, estes dois versos da Bíblia: “ (...) amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (LEVÍTICO 19:18). “Todavia, se estais cumprindo a lei real segundo a escritura: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem” (TIAGO 2:8).

II A CAPACIDADE DE AMAR POR RENATE JOST DE MORAES – MÉTODO ADI/TIP.

Renate Jost de Moraes nasceu no dia 17 janeiro de 1936 em Pelotas (Sul do Brasil) e faleceu no dia 5 de fevereiro de 2013 em Belo Horizonte (Sudeste do Brasil). Sua vida foi marcada pela busca pela verdade para ajudar a humanidade, especialmente às pessoas em sofrimento. Para compreender essa busca pela verdade, vale penetrar em suas origens. Os primeiros representantes da família Jost chegaram ao Brasil por volta do ano de 1840. Vindos de Trier, na Alemanha, eram evangélicos da Igreja Luterana. A vida dos imigrantes era muito dura. Todavia, com o passar dos anos, os imigrantes se estabeleciam e as condições de vida melhoravam. O pai de Renate, Ernest Jost, nasceu no ano de 1906. Ele estudava teologia em São Leopoldo (Sul do Brasil). Ao fim do curso, por ser inteligente e brilhante, foi contemplado com a continuação de seus estudos para pastor na Alemanha (Leipzig). Lá Ernest conheceu sua futura mulher Clara. Ela era uma mulher atenciosa e compreensiva, ponderada e calma. Encantada por Ernest, dispôs-se a ir para o Rio Grande do Sul e assumir uma vida muito mais simples culturalmente, mas feliz por estar ao lado de quem amava e por trabalhar ao lado dele pela fé. Assim, Renate cresceu em meio a uma família de pastores protestantes. Especialmente sua mãe transmitia a ela de forma vívida a crença a Jesus. Para Renate era natural ter uma relação com Jesus Cristo como se tem com um amigo. O sofrimento e a morte de Jesus causaram nela uma grande sensibilidade pelo sofrimento da humanidade. No dia 13 de outubro de 1957 sua mãe faleceu. Isso despertou em Renate uma grande crise de crença e de vida. A crise se fortaleceu ainda com a separação de seu noivo.

Através do encontro com uma senhora chamada Julieta essa crise acabou no ano de 1959. Julieta era uma senhora simples, que vivia sua crença católica de forma autêntica. Isso levou Renate a se tornar católica depois de um longo processo. No dia 7 de setembro de 1963, Renate casou-se com Rafael Jacques de Moraes. Desse feliz matrimônio resultaram seis filhos. Ao lado da vida familiar e profissional, o casal se engajou muito na igreja e na sociedade. Renate se engajava principalmente no trabalho com as famílias. Tanto em sua vida familiar como em sua vida profissional se mostrara um princípio claro da vida: o amor. Ela relewa: “Tenho amor demais para dar... Não bastaria um casamento, eu amo toda a humanidade e ela precisa sentir esse amor. As pessoas precisam sentir isso uns pelos outros” (SANTOS, 2013, p. 84).

Seu desenvolvimento profissional se fez da seguinte maneira: Atuou como residente em enfermagem, foi assistente social e psicóloga graduada e pós-graduada (Lato-Sensu) em Psicologia. Formou-se em Serviço Social, sendo que seu Trabalho de Conclusão de Curso foi intitulado “Os Problemas Sociais do Hanseniano” e foi enviado ao Ministério da Saúde pela Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul. Em Brasília foi membro do Conselho Nacional do Serviço Social durante oito anos. Em 1975 iniciou a elaboração prática e teórica de uma nova Metodologia: ADI/TIP – Abordagem Direta do Inconsciente/Terapia de Integração Pessoal. Realizou constantemente conferências e cursos de base sobre o método ADI/TIP, sobre sua experiência empírica e os resultados de sua pesquisa sobre o inconsciente. Ministrou cursos em Portugal, na Espanha, na Alemanha e na Áustria. Apresentou seus trabalhos no II Congresso Mundial de Psicoterapia-WCP em Viena (1999). No mesmo ano o seu método foi selecionado para concorrer ao Prêmio Mundial de Descobertas Científicas do Cérebro, promovido pelo Departamento de Estudos do Cérebro da Universidade Louisville (EUA). Em 1986 criou a Fundação de Saúde Integral Humanística (Fundasinum), que centraliza a pesquisa e o desenvolvimento do Método ADI/TIP, a Escola de Formação de especialistas na metodologia ADI/TIP e o centro de atendimento psicoterápico a pacientes carentes. O Método ADI/TIP é um processo original de pesquisa direta e consciente do inconsciente. A TIP é a aplicação clínica da ADI em pessoas com desajuste psicoemocionais, psicossomáticos orgânicos, humanísticos, ou seja, psicossomáticos, relacionais, profissionais, de aprendizagem e outros (MORAES, 2014).

No método ADI/TIP a capacidade de amar desempenha um papel central. Por meio de perguntas voltadas a um objetivo dirigidas ao inconsciente da pessoa, é possível descobrir nela a origem e o sentido da vida humana. Em relação ao amor, deixa-se descrever essa realidade da seguinte forma:

De fato, o Amor – que merece ser escrito com letra maiúscula – é muito mais que um sentimento. É essencialidade. É o próprio sopro da vida. É a força vital que nos chama à existência e nos dá sentido. Ele é construtivo, sempre. Ultrapassa o nível sensível e se localiza na “pessoalidade” ou na “espiritualidade”. Sua dimensão é infinita e sua Fonte vem do Absoluto. Saber amar é querer “o” bem do outro, não apenas bem “ao” outro. É a comunicação de bem-querer em nível de ser. Amor é alegria da doação gratuita, que não pede retorno e não “cobra”. Amar é descobrir no outro a “pessoa”, encontra-la em seu valor maior, independente do que possui ou expressa (MORAES, 2015, S. 401).

“Pela ADI, portanto, verifica-se experimentalmente (...): existe um Amor que nos ama primeiro... E graças a isso, todos nós temos chance de viver a nossa “vocação” primordial: a capacidade de amar!” (MORAES, 2015, p. 402).

O exemplo de um paciente salienta esta afirmação: A ele foi questionado durante o tratamento o seguinte:

Se viemos do Amor e se retornaremos ao mesmo Amor, por que motivo sofremos constantemente o desamor? Respondeu-nos ele, pesquisando a “sabedoria” do inconsciente: Na fonte lá do Infinito somos um-todo no Amor... Quando uma Luz de lá se desprende para integrar um ser humano, visa a vivência do Amor de pessoa a pessoa! ... A luz é uma expressão diferente do Amor de origem. E o ser humano é feito de tal forma que encontra toda a alegria de viver em sua expressão de amor humano. Ele só será feliz se conseguir viver esse Amor. Mas só é possível vivê-lo se continuar o “abastecimento” na fonte desse Amor. Aí está o grande problema humano, todo o sofrimento resumido numa só palavra: o ser humano esquece de abastecer-se na Fonte do Amor.... Por isso não consegue viver o Amor como deve e como quer! (MORAES, 2015, p. 403).

III A CAPACIDADE DE AMAR E SUA IMPORTÂNCIA NO TRABALHO TERAPÊUTICO ATRAVÉS DO MÉTODO ADI/TIP

Como já aludido no capítulo anterior, a enorme importância da realidade do amor foi descoberta no processo terapêutico do ADI/TIP. Moraes resume esta compreensão da seguinte forma:

“Todos os males da humanidade se resumem numa só palavra: desamor. E de todos os remédios, apenas um é realmente eficaz: o Amor. Lutemos por levar o homem a reestruturar-se internamente no Amor. Só assim curaremos a humanidade e humanizaremos o mundo” (MORAES, 2014, p. 419).

Consequentemente, no processo terapêutico, a realidade do amor é de essencial importância. Isso quer dizer, concretamente, que se trata, essencialmente, de que o terapeuta adote a postura do amor, isto é, trate o paciente com respeito, franqueza e empatia. Isso significa, ademais, que o terapeuta está consciente que a realidade do amor também existe no paciente. Em todas as pessoas há as chamadas: “instâncias humanísticas.”

O processo de pesquisa sobre o inconsciente permite identificar aí a “pessoalidade” original e sadia dos seres humanos. Permite também verificar os desvios ou as deformações que criamos nesse “eu” original e ainda, possibilita que busquemos, no próprio inconsciente, os recursos para a reestruturação. Percebe-se, nesse nível humanístico, a instância da “inteligência” e seu potencial infinito, modificando-se, assim, conceitos tradicionalmente admitidos. Identifica-se, sobre o inconsciente, a “capacidade de amar” e seus bloqueios. Verifica-se que existe aí um “núcleo existencial” que nos permite avaliar a qualidade de vida que levamos. Finalmente percebe-se, nesse nível mental, a presença contínua de um foco de “luz” mais a forma e o significado de sua propagação ou de seus “escurecimentos”. Veremos, ainda, sob esse enfoque, que a ADI não somente nos fornece esses dados, mas também que nos permite realizar, com eficácia, o tratamento dessas áreas mencionadas, se as mesmas estiverem em desequilíbrio (MORAES, 2015, p. 16).

Nessas bases, principalmente as seguintes técnicas são utilizadas durante o processo de tratamento: i) técnicas de motivação, ii) técnicas de relaxamento, iii) técnicas de condução do paciente ao seu nível inconsciente, iv) técnicas de treinamento do paciente para a percepção e a visualização de conteúdos inconscientes específicos e, v) técnicas de questionamento. Com ajuda dessas técnicas, diversos problemas podem ser tratados.

Inicialmente é preciso esclarecer que o Método ADI/TIP não tem como finalidade atuar sobre os sintomas, mas sobre as raízes que formam uma síntese do sofrimento do paciente. Assim, contradizendo a tendência moderna de especialização e restrição a áreas cada vez menores e mais específicas, realiza-se, através da TIP um atendimento global e com uma só abordagem e todos os tipos de sofrimentos humanos do paciente. Daí, pode compreender-se que seja bastante ampla a gama de pacientes ou de pessoas em geral que se podem beneficiar com esse tratamento (MORAES, 2014, p. 192).

A pesquisa do inconsciente, ou o Método de Abordagem Direta do Inconsciente, penetra na interioridade mais profunda do ser humano, e daí extrai respostas sobre os mais diversos campos do conhecimento geral do saber humano:

O “questionamento” da ADI é elaborado especificamente para atingir o inconsciente e obter todo tipo de informações. Essas, se forem problemáticas, são devolvidas ao inconsciente na busca de soluções e, então, realiza-se a “decodificação”. Não há necessidade de uso da hipnose, da interpretação, da análise. O processo é “circular”, não linear, e gira em torno da questão-síntese. Com a TIP, abrange-se o homem integralmente, inclusive em sua dimensão humanística (MORAES, 2014, p. 184).

No que segue, estão mencionadas as áreas mais importantes nas quais o ADI/TIP pode ser usado, basicamente em todos os sofrimentos corporais, psicológicos e psicossomáticos. No que se refere ao sofrimento psicológico precisa-se: “Tanto os neuróticos leves como os psicóticos graves podem ser tratados com bons resultados, desde que consigam assumir conscientemente o processo” (MORAES, 2014, p. 193). Além disso, este método pode melhorar as relações, como, por exemplo, em problemas familiares.

Não por último, pessoas que não tenham nenhum problema de saúde específico podem se beneficiar também. “Essas pessoas procuram o tratamento motivadas mais pelo desejo de desenvolver suas potencialidades, de evitar excesso de cansaço e preocupação ou para contornar algumas dificuldades ligeiras que estejam vivendo” (MORAES, 2014, p.193). No livro “As Chaves do Inconsciente”, efetua-se da página 223 à página 387 muitos exemplos de tratamentos com pessoas portadoras de diversos problemas. Nestes exemplos o processo de tratamento é apresentado de forma detalhada e devidamente comentado (MORAES, 2014).

Independentemente das preocupações do paciente, a descoberta e o desenvolvimento da capacidade de amar tem um papel central:

O Amor é a necessidade primordial do ser humano. É ele “efetivo”, construtivo, de dimensão infinita e indicador do “sentido existencial”. A “afetividade” é a comunicação desse Amor, através do relacionamento e sob influência do psiquismo. (...) A “capacidade de amar” é uma instância do nível “noológico” e não do “psicológico”, onde aparece apenas por efeito. O “sentir-se amado”, é o primeiro referencial buscado pela criança quando surge na concepção. Em função do que aí ele vê, responde ajudando ou prejudicando toda a sua existência. Ao prejudicar-se, muitas vezes, não só atinge o organismo, o psiquismo, a inteligência, mas também a capacidade de amar (MORAES, 2015, S. 396).

Como já anunciado no segundo capítulo, uma das três direções do amor é a capacidade de amar a si mesmo. A seguir é exposto um exemplo do tratamento de um paciente. A partir da descoberta do amor de seus pais, foi possível a descoberta da capacidade de amar a si mesmo e esta age, entre outros, como uma reestruturação corporal. Segue o procedimento de um processo de tratamento a partir do momento no qual o desencadeador dos problemas (a raiz) foi descoberto, no nono mês de gravidez:

Comentário inicial: O paciente de 46 anos procurou a terapia apresentando dificuldade de relacionamento afetivo e com diagnóstico de dores articulares e prejuízo dos movimentos, sem encontrar alívio.

Pc (Paciente): 09. Mãe está desorientada e perdida.

T (Terapeuta): O que houve antes?

Pc: Foi abandonado pelo pai... Ele sai com uma mala sem falar nada.

T: O que houve antes?

Pc: ... (não responde).

T: O que a mãe pensa aí?

Pc: Estou sozinha para ter a criança.

T: E a criança, como fica no pior momento?

Pc: Encolhida.

T: O que pensa a criança?

Pc: Eu quero ficar sozinho. Não quero nascer. Não quero ouvir. Não quero ver.

T: Por que não quero?

Pc: O pai nos abandona. Não ama a mãe e não me ama. Ele é ruim.

T: Se você ouvir e ver, o que vai pensar?

Pc: Que eu sou ruim também.

T: O que você resolve aí?

Pc: Encolho e endureço.

T: Para que?

Pc: Para não fazer nada. Não mexer. Não andar. Eu endureço as juntas...

T: Como faz para endurecer as juntas?

Pc: A película gruda na carne e não se movimenta. Trava os movimentos.

T: O que mais?

Pc: O sangue ferve de ódio.

T: Para que ferve?

Pc: Para me agredir e não agredir aos outros.

Comentário: Embora já tivéssemos trabalhado o problema da mãe em outro momento, aqui próximo ao nascimento, em função de uma atitude de aparente desamor do pai obtivemos o diagnóstico do sofrimento inconsciente do paciente que se expressa também no físico, confirmando a doença que o paciente traz como demanda para a terapia. A escolha de não ver, não ouvir e principalmente não andar e a decisão de punir-se somatiza-se no físico sob forma de doença nas articulações, que impede principalmente os movimentos. O desamor entre os pais e do pai para a criança desestimula a identificação com o pai, o amar e querer viver plenamente.

T: Vamos ver por que o pai foi embora?

Pc: Tinha coisas para fazer.

T: Que coisas?

Pc: Saiu para arranjar trabalho. Precisa amparar a família.

T: Quem é a família dele?

Pc: Mamãe, minha irmã e eu.

T: Se ele pudesse ir depois, o que escolheria?

Pc: Iria depois.

T: Por que não falou com sua mãe?

Pc: Não queria vê-la triste.

Comentário: Através do questionamento ao inconsciente, chega-se à verdade de antes impedida de aparecer por causa da percepção emocional da mãe sobre o fato, com base nas aparências. O que parecia desamor e desproteção do pai se revela à criança como um cuidado especial do pai para com a mãe que não quer vê-la triste. Essa expressão de amor se reflete na criança como uma expressão do seu querer viver, suficiente para que seu inconsciente emita uma outra ordem ao cérebro em direção à recuperação da saúde física.

T: Deixa que a mamãe saiba disto que papai pensou. Como ela reage?

Pc: Vejo-a abraçando ele e ele abraçando ela.

T: E você come está?

Pc: Esticado, relaxado.

T: E as juntas?

Pc: Soltas, a pele mexe para lá e para cá. O corpo fica suave.

T: Qual o pensamento que faz tudo isto?

Pc: Eu me amo. Eu sou boa pessoa.

T: Em função do que você pensa que se ama e é bom?

Pc: Vejo meu pai abraçando a mãe. Ela está sentada, sorrindo.

T: Para que o pai abraça?

Pc: Ele fala que vai sair e voltar logo. Quer tranquilizar a mãe.

T: E a mãe como reage?

Pc: Ela está segura com ele. Ele a ama e protege. Ela espera.

T: Por que você é bom aí?

Pc: Eu os aproximo. Eu tenho amor. Eu quero nascer.

T: É uma decisão sua?

Pc: Sim.

T: Se eu visse seu coração como o veria?

Pc: Brilhando. Sai luz, tem amor, tem vida.

T: Aproveite esta luz do seu coração e leve a vida para circular nas suas veias por todo o corpo.

T: Como vê seu nascimento?

Pc: Fácil. Eu fico flexível e me mexo e saio.

T: E o que mais chama sua atenção?

Pc: O abraço do papai e da mamãe.

T: E você, o que pensa?

Pc: Eles se amam. Os meus pais são bons. Eu articulo o amor. Sou união.

Comentário final: Após a nova decisão de viver e a reestruturação do seu físico com expressão do amor por si mesmo a partir do amor de seus pais, a criança, agente de seu processo de nascimento, facilita o parto, desmontando a reversão do problema. O que antes era traduzido pelo não querer andar, ouvir, ver e não querer viver, agora se expressa como uma flexibilidade corporal que facilita o parto, a partir de sua percepção do amor entre os pais e a mudança do autoconceito da criança que se identifica de forma positiva com seu pai. Interessante que, a rigidez de pensamento e a rigidez física, após a decodificação do problema é substituída pela frase: “eu articulo o amor”, e a FR (frase-registro): “eu sou união”. O paciente sanou esse problema físico, com uma remissão gradativa de seus males, até que no período de 1 ano recuperou saúde plena não necessitando mais de medicação (MORAES, 2014, S. 288 – 291).

Com base neste exemplo de um tratamento realizado é possível reconhecer muito bem a diferença entre amor/atitude na liberdade e sentimento/afeto. O ponto decisivo é que o amor é firme pois caracteriza uma decisão e o sentimento neste ponto parte da compreensão/entendimento sobre um fato, que pode mudar rapidamente:

A criança registra em si os dois tipos de comunicação entre seus pais: o do Amor, que é sólido e contínuo, e o do afeto, que é instável. Mas emocionalmente ela tende a se fixar nos problemas de “desentendimento” dos pais e a registrá-los como código de desamor”. E como já vimos, basta perceber que seus pais não se amam, para também sentir-se desamada e recorrer a processos de autoagressão (MORAES, 2015, p. 405).

Como visível no exemplo acima descrito, a solução de um problema através da compreensão do amor entre os pais é possível. É óbvio que para cada pessoa e para cada problema será necessário um percurso correspondente. Em todos os percursos da terapia o amor é, contudo, o fator decisivo: compreensão do amor absoluto (Luz, Deus): a descoberta de ser infinitamente amado e o desenvolvimento da capacidade de amar a si mesmo, seus próximos e a Deus.

CONCLUSÃO

Com este artigo, a compreensão da excelente capacidade de amar das pessoas certamente não está esgotada. Vale continuar estudando sobre essa capacidade de ensinar, de entender e, principalmente, de viver. Isso foi praticado por Renate Jost de Moraes de forma impressionante. O resultado não é somente um método de terapia efetivo, mas um novo estilo de vida baseado no amor. Devido a seus anos de pesquisa e experiência prática, Moraes realiza que uma nova humanização é necessária, uma humanização que permita às pessoas descobrir e viver seu ser original. Aqui se mostra que esta não é somente necessária para a psicoterapia, mas para toda a vida:

A pesquisa sobre o inconsciente aqui descrita fornece ainda, (...) informações objetivas sobre valores intrínseco-universais e sobre a transcendência. Fala-se nesta obra sobre as expressões e a importância do Amor, o qual não apenas se faz necessário para sustentar o equilíbrio psicológico, mas é imprescindível para a própria sobrevivência física do homem. Através dos relatos da experiência clínica, apresentam-se também outras questões especiais, tais como a liberdade versus condicionamentos, a unicidade e a integralidade da pessoa, o sentido da vida e o sentido da morte e por extensão, relatasse a experiência inconsciente em relação à sobrevivência e à perda da matéria do corpo. Finalmente, verifica-se pela pesquisa do inconsciente como acontece o encontro do homem, dentro de si, com a revelação inconfundível de Deus, como presença pessoal e de Amor (MORAES, 2015, p. 16).

Meu desejo é que essa “viagem de descoberta” continue para a real essência do ser humano. E estou convencido de que nesta a infinita e maravilhosa realidade do amor desempenha um papel importante. Por isso vejo a tarefa da minha vida em cada vez mais descobrir, desenvolver, viver e transmitir a realidade do amor. Nesse sentido, vejo o método desenvolvido por Renate Moraes como uma excelente realidade. Segundo minha opinião, vale continuar desenvolvendo esta realidade. Até agora o ADI/TIP é conhecido principalmente no Brasil. Existe a expectativa legítima de que, através da formação de terapeutas de outros países, esta rica possibilidade possa ser oferecida em breve em todos os continentes.

Além do mais, entendo ser razoável que o ADI seja pesquisado em comparação com outros métodos que têm, igualmente, o amor como princípio fundamental. A título de exemplo, menciona-se a psicoterapia humanista de Erich Fromm e o “*Healing Code*” do psicólogo e médico em naturopatia Alex Loyd. Tudo isso pode contribuir para que a “sociedade enferma”, mencionada na introdução, se transforme cada vez mais em uma “sociedade saudável”, na qual o homem possa viver sua capacidade de amar em sua forma original e plena.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Angela. **A fenomenologia do ser humano**. São Paulo (Bauru): Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

BAUMANN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FROMM, Erich: **Wege aus einer kranken Gesellschaft**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2006, 5. Auflage.

_____. Erich. **A Arte de Amar**. Trad. M. Amado. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia Ltda., 1985

GRÜN, Anselm / RIEDL, Gerhard. **Mystik und Eros**. Münsterschwarzach: Vier-Türme-Verlag, 1993.

MORAES, Gisela Renate Jost. **As Chaves do Inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

_____. Gisela Renate Jost. **O Inconsciente sem Fronteiras**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

Stein, Edith. **Essere finito e essere eterno: Per una elevazione al senso dell'essere**. Trad. A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova Editrice, 1999 (original de 1935-1936).

SANTOS, César Alberto dos. **Renate Moraes, uma mulher em busca da verdade**. Guaratinguetá, SP: Fazenda de Esperança, 2013.

XAUSA, Izar A. de Moraes. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1986.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.